arte . infraestrutura . meio ambiente

David Sperling | Ana Carolina Tonetti | Ruy Sardinha Lopes
[organizadores]

[apresentação]

arte . infraestrutura . meio ambiente

David Sperling
Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil

Ana Carolina Tonetti
Universidade de São Paulo, Brasil
Escola da Cidade, São Paulo, Brasil

Ruy Sardinha Lopes
Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil

Quando, no início do século XVII, Francis Bacon, tido por muitos como o instaurador da ciência moderna, cunhou a expressão "natureza atormentada", ele se opôs não apenas à forma "desinteressada" a partir da qual o conhecimento sobre a natureza (*physis*) era concebido – afinal, sob o manto da cultura renascentista e do experimentalismo, a razão instrumental e eficiente se institui como a mais adequada à tarefa de dominar a natureza – como aproximou o conhecimento científico daquele outro tipo de saber, mais operativo e regrado, oposto ao natural, a *téchne*. Tal saber, próprio das ações humanas, vincula-se etimologicamente ao conceito latino de *ars*.

A confluência notada a partir do alvorecer da modernidade logo se transformou em disjunção. Não apenas a arte trilhou o caminho

de sua autonomia e respeito às suas próprias legalidades, como as promessas embutidas no uso instrumental da natureza não foram cumpridas. Atormentada e exaurida, a natureza requisita, sob o risco de extinção daqueles que supunham lhe dominar, a instauração de novas matrizes epistemológicas e éticas, bem como a emergência de novos interesses a partir dos quais a relação homem-natureza-homem se reponha.

Pode a experiência e o saber artísticos, tendo trilhado caminhos outros, muitas vezes em confronto com a razão eficiente, contribuir para a restituição desse novo *ethos*? Que lições e "razões" uma nova confluência entre a arte, ciência e natureza tem a nos dar?

Como integrantes do Grupo Arte Ciência Tecnologia (ACT), vinculado ao Instituto de Estudos Avançados da USP - Polo São Carlos, temos proposto uma investigação interdisciplinar sobre relações entre práticas artísticas e conhecimentos científicos, considerando os espaços públicos como Laboratórios para a exploração de saberes dialógicos e emancipatórios, segundo três linhas de ação: informação, infraestrutura e meio ambiente.

Ao recebermos o convite para proposição do dossiê da segunda edição de arte :lugar :cidade, a partir de nossa atuação e diante dos eventos climáticos de toda sorte dos quais somos simultaneamente seres coprodutores e afetados, nos pareceu urgente trazer ao debate o trinômio **arte-infraestrutura-meio ambiente**.

Ao eleger estes termos como motrizes deste dossiê, pensamos em abrir um campo profícuo de entrecruzamentos e tensões, assim como destacar e discutir uma produção estético-política emergente que nele se instala.

Interessou-nos abrir espaço a como os pensamentos e as práticas exploradas pelas artes podem acionar outros modos de compreensão sobre as infraestruturas e o meio ambiente – e suas interrelações – a nos indicarem deslocamentos tão importantes quanto necessários sobre outras formas de habitar as "zonas críticas" (Latour). Entre as articulações temáticas propostas, especulamos sobre mundos mais-que-humanos, interações multiespécies, processos (re)generativos, processos ferais, ecologias reparadoras, cartografias geopoéticas,

dentre outros. Esses temas visam não apenas compreender e criticar, mas também explorar o potencial para a criação de imaginários outros, que nos possibilitem vislumbrar futuros sociais, técnicos e ambientais alternativos.

Convidamos assim um conjunto de autores/artistas a juntos refletirmos sobre as intersecções entre campos disciplinares, sensibilidades e experiências que atravessam seus trabalhos e reflexões. Mais do que respostas, as inquietações que nutrem seus saberes-fazeres são aqui compartilhadas na expectativa de que novos campos de possibilidades sejam explorados.

Como se verá, não há como falar desta intersecção sem que as dimensões sociais, econômicas e políticas sejam contempladas e que camadas muitas vezes soterradas emerjam e reivindiquem uma nova partilha do sensível. É o que nos mostra, abrindo o dossiê, **Maria Thereza Alves** ao apresentar para o público um de seus trabalhos mais conhecidos, *Seeds of Change*, uma espécie de "história do chão". A inscrição dos processos e fluxos coloniais por meio da dispersão de sementes não nativas nos territórios das colônias (Nova York) e Reino Unido, como afirma Alves: "A colonização está embutida no próprio solo de Nova York, as terras tradicionais do povo Lenape. Um processo de decolonização deve começar pelo chão".

Em seguida, a entrevista de **Maria Thereza Alves,** realizada por David Sperling e Ana Carolina Bezerra, aborda o profundo impacto na obra da artista de temas relacionados à ecologia, história colonial e questões sociopolíticas contemporâneas. Revisitando *Seeds of Change* e outros trabalhos, Alves discute as implicações das trocas coloniais e suas consequências culturais e ecológicas. Durante a conversa, a artista reflete sobre o deslocamento forçado, as migrações e a relação entre seres humanos e não-humanos, destacando a importância de se reinterpretar a história por meio da arte, abrindo espaço para discussões críticas sobre pertencimento e memória em um mundo globalizado e em constante transformação.

O atravessamento do solo em busca dos vestígios do nosso futuro, em uma dialética entre memória e esquecimento, é também o objeto da reflexão de **Laura Kemmer**. Por meio de seu olhar acurado, conduzido pelas lentes de vários trabalhos artísticos e reflexões filosóficas – de Levinas, Benjamin, Sybille Krämer, Maria Thereza Alves, entre outros –, o solo urbano de Berlim pós-guerra soma-se ao do Xingú ou do bairro do Bexiga, na cidade de São Paulo, como arquivos (ou cicatrizes) de uma história ou sujeitos que se recusam a silenciar. Ao des-velar os vestígios que nos constituem, novos processos de "presencialização" do espaço urbano e dos sujeitos que nele habitam podem emergir.

Se o capitalismo emergiu da natureza, em uma relação de posse e exploração, suas infraestruturas são também cicatrizes dessa relação perversa entre humanos e não-humanos, como argumentou Jason Moore citado no artigo de **Lisa Blackmore**. O fluxo colonizado do rio, sua contenção por meio de barragens artificiais e a utilização de sua potência para a geração de energia hidroelétrica, se, por um lado, reafirmam o poder fáustico do capital, por outro lado reiteram a ameaça fantasmática do retorno do reprimido: estuprada, a natureza há de vingar-se.

Os limites da tentativa de afirmar o poder do estado hidrológico por meio da exploração do Rio Orinoco na Venezuela e da estética do hidropoder moderna que lhe corresponde – afinal poder e imagem do poder andam juntos – foram evidenciados, afirma Blackmore, pela "desidratação" do rio. Emergência não apenas de uma nova paisagem, física e cultural, mas também de "formas mais sustentáveis de arte", de uma nova estética ambiental, "mais sintonizada com as imprevisibilidade do presente".

A contraposição artística às formas de "expropriação material e simbólica" do território também está presente na reflexão de **Cláudio Bueno**. Ao acionar obras de artistas como Abdias do Nascimento, Carolina Caycedo, Tabita Rezaire, Ruy Cezar Campos, o Grupo inteiro e Louis Henderson, entre outros, Bueno nos faz ver o quanto a prática artística é também, em reforço ao argumento de Blackmore, um campo político-epistemológico no qual o enfrentamento das urgências ordinárias é também a oportunidade de se reinventar, de nos reinventarmos.

Já **Gabriela Pereira** e **Mariana Pereira**, irmãs pesquisadoras, partem do conceito de "herança existencial" de Beatriz Nascimento para revisitar o projeto multimídia *Ruínas do Atlântico Sul*, concebido por elas entre 2021 e 2022 como uma investigação crítica e performativa que combina documentos históricos e acervos familiares situados. Os impactos e violências das infraestruturas coloniais implantadas nos séculos XIX e XX em sua cidade natal, Vitória, Espírito Santo, emergem como gestos de resistência e reexistência afro-atlânticas.

Se a cada dia nos é mais evidente, não obstante o delírio de uma minoria renitente, a insubordinação da natureza, essa força dionisíaca também parece mover esse personagem mítico, uma caipora do fim do mundo, capaz de transmutar o abjeto em sedição. Uýra Sodoma (que também está presente em um dos ensaios de artista desta edição), aqui apresentada pela narrativa seduzente-seduzida de **Karina Leitão,** não se deixa adjetivar ou mesmo ser emoldurada pelos cânones estéticos usuais. Um ser “em trânsito” que personifica, como poucos, a quebra não apenas do binarismo que separa humanos e não-humanos, certo e errado, lixo e luxo, mas ao “colocar tudo em relação”, Uýra nos convida ao “reflorestamento” de nossos imaginários.

Em uma época de desertificação da natureza e dos imaginários, quando, parafraseando Goya, a vigília da razão (instrumental) também produziu seus monstros, o que o conjunto de reflexões/provocações aqui reunidas nos mostra é a potência de uma produção estético-política que, não se limitando à mera denúncia ou constatação do encerramento de um ciclo, nos insta a continuarmos sonhando e semeando novos modos de vida e de habitar mundos “mais que humanos”. Aos autores, nosso muito obrigado. Aos leitores, uma boa leitura.

David Sperling é Professor Associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU-USP) e do Grupo Arte Ciência Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados da USP (ACT>IEA-USP). Vice-coordenador do Polo São Carlos do IEA-USP. Pesquisador Produtividade PQ-2 do CNPq, desenvolvendo o projeto "Cartografias: tecnopolíticas e geopoéticas". É cocoordenador do atlasdochao.org e pesquisador associado do multispecieshealth.com.
https://orcid.org/0000-0003-1224-4267 | sperling@sc.usp.br

Ana Carolina Tonetti é arquiteta e urbanista e atua na intersecção dos campos da arte, da arquitetura e do ensino. Mestre (2012) e doutora (2020) pela FAU-USP, na área de concentração Projeto, Espaço e Cultura é professora na Escola da Cidade, desde 2002, onde coordena o curso de Pós-Graduação lato-sensu Arquitetura, Educação e Sociedade.
https://orcid.org/0000-0002-9205-5732 | actonetti@gmail.com

Ruy Sardinha Lopes é bacharel, mestre e doutor em Filosofia. Professor dos cursos de graduação e de pós-graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É pesquisador do Programa Ano Sabático do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP), coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU-USP) e do Grupo Arte Ciência Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados da USP (ACT>IEA-USP). Pesquisa temas ligados à cultura e arte contemporâneos, arte e tecnologia e economia política da cultura e do espaço urbano.
https://orcid.org/0000-0002-0469-0729 | rsard@sc.usp.br